



X Encontro da Internacional dos Fóruns
VI Encontro internacional da Escola
de Psicanálise nos Fóruns do Campo Lacaniano [IF-EPPCL]

BARCELONA 13/15 setembro 2018

PRÉ-TEXTO 3

Rithée Cevasco

Junho de 2017

A expressão “adventos do real” pode suscitar questões. Que distinção fazer entre advento, no singular e no plural? “Acontecimento(s)” e por que não “manifestações do real”? Como, por outra parte, não evocar o frequente contraponto, em Lacan, entre o “sintoma como acontecimento de corpo” e a angústia como “advento do real”?

Refiro-me ao que foi indicado por Colette Soler, posto que lhe devemos a apresentação do tema de nosso encontro: assim como precisou em várias ocasiões, advento toma o sentido de algo esperado e mesmo desejado. O termo adquire, pois, um valor positivo.

Coloco, pois, em relevo a seguinte pergunta: O que pode se esperar como advento do real a partir de uma psicanálise? Lacan falou de sua expectativa de um possível advento ao fim de uma análise: o de um novo significante, uma invenção – esvaziando este termo de toda pretensão –, um significante que provenha de cada um, e, portanto, singular.

Encontramos a expressão “adventos do real” em “*Televisão*” e em “*A terceira*”. Não obstante, Lacan a utiliza também em outros contextos. Para citar um: o “advento do sujeito real” que menciona no *Seminário 6, O desejo e sua interpretação ...*, sujeito ao qual nos confrontamos na experiência “já advindo” no passado, estando na origem mesmo de sua produção.

Quanto ao “do real”, entendo o “*du réel*”, como um partitivo em francês. O uso do artigo neutro, “*lo*”, em espanhol, é bem-vindo nesta ocasião, parece-me, pois evita de se falar “do – de O – real” (“*del – de El – real*”).

E isto por várias razões.

Em primeiro lugar, parece-me que nos referimos a um “*campo do real*” mais amplo, do que o real já circunscrito pela prática analítica: real da ciência, da arte, da política, e, mesmo, por vezes, do gozo real do ser vivente.

O termo “real” é portador, deste modo, de um sentido diferencial. Depende das práticas que o circunscvem (termo que poderia se aperfeiçoar com a escritura borromeana). Que se trate de práticas esclarecidas ou não, elas estão sempre tomadas em certo discurso. Abordamos o real como o excluído de todo sentido. Sem dúvida! Mas o que poderíamos dizer de um real que não estivesse circunscrito por

uma prática/discurso? O real, neste ou naquele campo, em tal ou tal prática, é cernido pelo impossível (Freud já havia notado quando falava do impossível das práticas de governar, de educar e de analisar). Podemos, pois, aproximar-nos com mais precisão do real como aquilo que constitui o limite próprio a toda prática e a todo discurso. Topar com estes limites, podendo também induzir uma volta na direção de outras margens discursivas, o real se revelando, assim, nos interstícios do giro de um discurso a outro.

É válido até para a ciência, que não deixa de lado seus impossíveis. Somente a ideologia da ciência (não a ordem de suas razões) em sua aliança com o discurso do capitalismo está na origem da promoção do “todo possível” oferecido no mercado das ilusões do consumo.

Por outro lado, a escritura borromeana nos permite circunscrever o real em jogo no campo da psicanálise. Ele se define a partir do Um (aquele do número, evidentemente não aquele da unificação do dois em um).

A escritura do real é dupla em Lacan. O Um do real como simples rodinha de barbante (expressão mínima chamada, na linguagem dos nós, de “nó trivial”), equivalente àquele do simbólico e àquele do imaginário. Cada nó trivial tendo sua consistência, seu furo e sua *ek-sistência*. A rodinha de barbante é então a “mais eminente representação do Um, no sentido de que só encerra um furo”, diz-nos Lacan em *Encore*, ainda no começo de sua aventura com os nós borromeanos.

Afirma, além disto, e de maneira insistente, que “seu nó” é real. Já não se trata mais do nó trivial, mas do borromeano – formado minimamente por três rodinhas de barbante – e, mais adiante, do nó do sinthoma (com “h”), uma vez que este último cumpre uma função de enodamento.

Trata-se, então, da estrutura real do *falasser* (real que Lacan intenta escrever fora da “errância” (*l’erre*) da metáfora e que, como real, não pode ser considerado como um modelo que se aplicaria a ...).

O real é, portanto, uma das três *diz-mansões* do *falasser*, como o são o simbólico e o imaginário. Trata-se aí dos elementos genéricos de todo ser falante. Porém o real do nó é suportado pela modalidade do enodamento, através do sinthoma (com “h”): real singular, próprio a cada um, isto é, um a um.

A clínica constrói, sem nenhuma dúvida, tipologias; esta é sua função. Porém, trata-se de uma clínica da qual devemos esquecer a cada novo caso, a orientação pelo real visando sempre o singular próprio de cada analisante.

O real se conjuga, assim, com o Um e também com o “ao menos três...” descartando, por outro lado, o dois que contradiria o axioma da exclusão (não há relação sexual que possa se escrever). Apenas o discurso analítico permite desvelá-lo, diferentemente dos outros que o velam.

Que “advento do real” poderíamos, então, esperar da psicanálise que não esteja vinculado a este real impossível da relação sexual? Seja sob a forma da letra do sintoma, ou como manifestações de afetos e, em primeiro lugar, o afeto privilegiado que constitui a angústia?

Sabemos que o real específico da análise, como impossível, situa-se nas negatividades da estrutura da linguagem: não há metalinguagem, não há universo do discurso, não há Outro do Outro no plano da linguagem. Podemos acrescentar: a verdade que apenas se pode dizer pela metade, e também o “não todo” do objeto “a”, obrigatoriamente parcial. Aí estão todos os enunciados do “não há” anteriores à declaração, em 1967, do axioma que concerne à negatividade do real do sexo: “Não

há relação sexual que possa se escrever” (“grande segredo da psicanálise”, diz-nos Lacan). Gozo e linguagem se enodam, assim, nestas fórmulas de negatividades. Negatividades que, por outro lado, encontram suas respostas positivas nas variações sinthomáticas (com “h”) que a elas respondem e fazem suplência.

Quanto aos “adventos do real”, a partir da prática da psicanálise, coloca-se uma questão: As variações de soluções sinthomáticas (com “h”) encontram uma declinação diferencial segundo as modalidades do gozo sexuado: fálico e não todo fálico – este gozo além do fálico... se ele existisse? Gozo outro que não deve ser confundido com o gozo do Outro... que não existe e que só se manifesta no imaginário das significações fantasmáticas, preferencialmente encarnadas nas figuras primordiais do Pai e da mulher.

A escolha do sexo (livre da significação fantasmática do gozo) pode ser esperada como advento do real do gozo sexuado? Se falamos de escolha é porque há uma expectativa de algo que poderia advir de novo, diferentemente do sintoma de gozo já acontecido e fixado desde a infância em sua dimensão “traumática”, em sua dupla vertente: traumatismo sexual e traumatismo de *lalíngua* que entram em coalescência.

O imperativo freudiano muitas vezes comentado: “*Wo... war... werden*”¹ – deixo propositalmente pontos suspensivos nos “*loci*” do que já foi e do que deveria advir – pode evocar algo da ordem desses “adventos do real” visados pela política de uma psicanálise orientada pelo real.

Estes adventos emergem como efeito de um dizer (nem deduzidos, nem induzidos, mas inferidos a partir dos ditos do analisante ao longo do tratamento²). Este “dizer” que fica esquecido por trás dos ditos.

Quanto ao sinthoma (com “h”), como função de enodamento borromeano, poderíamos esperar, no tratamento, uma eleição possível? C. Soler³ nos sugere que: se há eleição, se não somos condenados a um destino já traçado pelas escolhas forçadas das formações dos sintomas de gozo da infância, esta escolha se situaria, então, sem dúvida, no nível do sinthoma (com “h”). Aí está o que poderia ser esperado de uma análise.

Conseqüentemente, o que nos interroga, e de uma maneira que nos concerne particularmente, quanto ao “advento” do sinthoma (com “h”) do analista e sua relação com o real. Interrogamo-nos sobre o (ou “os”) porquê desta escolha, tema clássico estudado sob as formas do “advento do desejo do analista”.

É um dizer desta ordem que pode ser inferido no dispositivo do passe e que acompanharia, conseqüentemente, uma nomeação de AE.

Dos “adventos” do real a partir da análise, não poderíamos nos interrogar também sobre as modalidades, ou modulações do “não todo” nas travessias do muro dos impossíveis da significação, do sentido, da relação sexual (segundo o *Aturdito*) e, mais

¹ A expressão freudiana bem conhecida é “*Wo es war, soll ich werden*”.

² No *Aturdito*, Lacan situa o DIZER como efeito de um corte. Com a escritura borromeana, ele coloca ênfase em um DIZER que enoda e nomeia. Contudo, mais à frente (Seminário 24, *L’insu...*), ele retoma a função de corte sobre um ou mais toros de voltinhas de barbante, pela operação de seu eventual reviramento (*retournement*).

³ Em seu livro “Lacan leitor de Joyce”. (Próxima publicação em espanhol nas edições S&P)

particularmente, das inferências de um dizer do “não todo” no que concerne a este gozo para além do gozo fálico⁴?

As fórmulas da sexuação, parece-me, convidam-nos a dar este passo a partir deste “algo” que pode circular⁵ entre estas quatro posições: do necessário e do possível que determinam uma contradição (negação forclusiva: sim ou não) e do contingente e do impossível que nos confronta com um indecível (sim e não; sim, mas não todo... É isto, mas não todo... mais próximo disto que seria a negação discordancial na gramática francesa).

Neste contexto, devo precisar, não se trata de retomar o antigo debate que concerne à especificidade da escritura feminina, porque a escritura das mulheres, assim como seus testemunhos de passe, não são forçosamente aqueles dos quais podemos esperar um dizer do “não todo”. Não se trata também da “feminização” do mundo analítico ou mundial, e menos ainda – isto é óbvio – de uma suposta “feminização” do analista homem.

Trata-se da circulação entre o lado esquerdo e direito das fórmulas da sexuação que quebra toda ancoragem na “*touthomanie*” do universal da normalidade (*norme mâle*, diz Lacan) e de inferir o Dizer do “verdadeiro furo” da estrutura do *falasser*.

Todo Dizer é existencial e contingente, mas o Dizer do Um, o Dizer do Um-sinthoma (com “h”) pode se declinar segundo outras modalidades de dizeres. Não se trata de afirmar que existe um UM-DIZER-OUTRO, deste gozo outro que corresponde a uma lógica do não todo, porque nós retornaríamos certamente ao fechamento do discurso sobre a sexualidade que reconduziria ao “dois” complementar da relação que não há.

A questão, portanto, poderia ser formulada assim: Qual é a conexão entre o UM-Dizer do sinthoma (com “h”) e o “não todo”?

Eu simplesmente quis chamar atenção para algumas arestas possíveis das múltiplas interrogações às quais nos convoca o tema dos “adventos do real” para nosso próximo Encontro em Barcelona.

Não esperamos da análise o advento do messias! Por outro lado, podemos esperar o acontecimento de uma ética (também ela esvaziada de toda pretensão) de um dizer do não todo ao qual ela nos convida. Advento que poderia ter incidências para além da nossa prática se nós conseguíssemos (esperança vã?) produzir um eco de nosso discurso nos outros “advento” do real que se anunciam mais do lado de um totalitarismo do todo. Mais particularmente no campo da política... e isto sem me prolongar sobre o discurso capitalista, que promove formas de “*touthomanie*” certamente não tradicionais, mas que não deixam de preconizar um universo do não-impossível, associado à onipotência da ideologia da ciência, não se considerando responsável pelas consequências de seu tratamento – certamente eficaz – do real.

Tradução: Leonardo Pimentel
Revisão: Sandra Berta

⁴ Nossa colega Florencia Farias, parece-me, sustentou uma tese de doutorado onde aborda este problema. Infelizmente, não tive a oportunidade de lê-la. Certamente outros colegas em nossa comunidade terão acesso a ela e isto será uma referência importante sobre esta questão.

⁵ Conferir o capítulo XIV do seminário ... *ou pire*. A aula em Sainte Anne sobre o *Saber do psicanalista* de primeiro de junho de 1972. Lacan menciona algo da ordem de uma circulação (o que evoca, certamente, o “giro” dos discursos) induzida pela lógica instável que funda esta partição lógica do gozo sexuado entre gozo todo fálico e não todo fálico.